

CULTURA VISUAL E IDENTIDADE AFRODESCENDENTE NAS REDES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA/REFLEXIVA

MAGNÓLIA FERREIRA CRUZ DA PAIXÃO (UEFS)¹
E-mail: magypaixao@hotmail.com

RESUMO: Na contemporaneidade é cada vez mais crescente o número de usuários dos ambientes virtuais, em especial os jovens e adolescentes que estão sempre conectados. Por conta disso, a pesquisa em questão propõe uma investigação acerca da cultura visual e identidade afrodescendente nas redes sociais, enfatizando as contribuições dessas visualidades para uma formação crítica/reflexiva dentro e fora dos espaços escolares. Nessa perspectiva, é preciso saber como as redes sociais, sobretudo, por intermédio da cultura visual têm tratado sobre as questões de identidade, especialmente sobre a identidade negra, a qual, ainda é tratada pela sociedade, numa perspectiva de exclusão, estereotipada, mesmo sendo a população afro a grande maioria da população brasileira. Além disso, devemos tomar essas visualidades para fazer uma leitura de forma crítica, de maneira a favorecer o empoderamento desses sujeitos, e não de marginalizar, nem excluir, mas de dar um lugar de centralidade e de respeito à diversidade cultural, fortalecendo assim, a identidade afrodescendente.

1. APRESENTAÇÃO

Assim como toda a sociedade, nos anos finais do século XX, início do século XXI a escola passou por uma série de transformações políticas, ideológicas e conceituais. As instituições de ensino, cientes dessas mudanças, têm se preocupado em repensar suas práticas políticas pedagógicas e planejar espaços que propiciem aos alunos aprendizagens coerentes com este novo cenário mundial.

O perfil dos alunos tem se modificado. Para eles estarem na escola, muitas vezes, é “entediante”, preferem a dinamicidade que a internet lhes propicia, com sua linguagem composta de textos imagéticos, verbais e sons que lhes encantam. A interatividade do *Facebook*, *MSN*, *WhatsApp* para os jovens é um “prazer” e por isto estão sempre conectados.

¹ Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Candido Mendes (UCAM). Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Conscientes do poder das redes sociais e da cultura visual na informação e formação do aluno, este projeto pretende trazer observações quanto às aprendizagens alcançadas através do ensino com imagens. Pois, segundo Hernández (2007), a cultura visual desenvolve um conhecimento mais profundo e rico, a partir do momento em que destaca a “relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo”. A cultura visual não pretende somente o reconhecimento dos elementos constituintes da imagem, mas a sua leitura e interpretação crítica no contexto em que esteja inserida, ou seja, “entender a imagem como discurso, por sua vez, é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais”. (SOUZA Apud FONSECA, 2001).

A relevância deste trabalho está em conhecer o grau de intensidade com relação a cultura visual e as questões que envolve a identidade afrodescendente nas redes sociais, e de que forma a leitura e releituras críticas dessas visualidades contribui para uma formação crítica/reflexiva. Além disso, faz-se necessário saber se essa formação prepara o aluno para atender as várias demandas existentes na contemporaneidade de forma significativa, pois como sabemos é grande a cobrança na sociedade como um todo e no mundo do trabalho por profissionais mais preparados e capacitados para lidar com as várias problemáticas que possam vir a surgir no cotidiano, para isso, é necessário que a escola prepare o aluno não apenas para os vestibulares ou para o mundo do trabalho, mas prepare - o para a vida.

Por conta disso, ao perceber no dia-a-dia escolar que os nossos alunos estão a todo o momento em contato com a cultura visual, seja através das redes sociais, televisão, anúncios publicitários, entre outros, faz-se necessário investigar a relevância dos textos imagéticos para o ensino/aprendizagem desses alunos, seja na sala de aula ou fora dela como uma ferramenta valiosa e capaz de torna – lós sujeitos mais críticos e reflexivos e capazes de atender as várias demandas da sociedade seja elas no âmbito social, econômico, tecnológico ou cultural.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Embora, quase todo trabalho de pesquisa seja necessário algum tipo de pesquisa dessa natureza, o paradigma dessa pesquisa exigiu apenas abordagem teórico/interpretativa, na qual o

pesquisador busca a resposta de um problema a partir de referências teóricas publicadas, caracterizando assim uma espécie de coleta de dados/informações (FARIA, 2007, p. 32).

O primeiro passo foi buscar alguns dos principais autores e estudiosos que tratam da temática e da sua importância para o ensino aprendizagem e conseqüentemente para a construção de uma formação crítica e reflexiva, dentre eles estão Antenor Rita Gomes, Jesús Martin, Leda Maria Fonseca, Lúcio Goes, Manuel Castells, Stuart Hall, Zilá Bernd, entre outros. A seleção das fontes se deu por meio de consultas a livros em bibliotecas tradicionais e virtuais e nas publicações de periódicos e revistas científicas, usados como subsídios para fundamentar teoricamente, auxiliando assim na construção textual.

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem (CRESWELL, 2010, p. 209). As interpretações não devem ser separadas das origens, história, contextos e entendimentos anteriores. Mas a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados (DEMO, 2001, p. 41).

Seguindo essa linha de pensamento, levou-se em consideração a contextualização em que essas imagens estão inseridas e o público receptor dessas imagens, com a finalidade de mostrar o quanto os textos imagéticos povoam o nosso cotidiano e a nossa vida e conseguem transitar saber por todos os campos do conhecimento de maneira tão eficaz e produtiva.

No entanto, para que essa eficácia e essa produtividade aconteçam é necessário que os profissionais da educação tomem essas imagens como parte do seu material pedagógico e mostre para o seu público o poder da cultura visual, em especial aquelas voltadas para a identidade afrodescendente, na formação crítica e reflexiva e o quanto elas contribuem para o ensino e aprendizagem, e, conseqüentemente permitindo entender sua gênese, seu espaço e seu lugar de atuação. Percebendo também, o percurso de formação do indivíduo, seus altos e baixos, sua visão e sua expectativa em relação à sociedade, para então construir a interpretação criativa dos textos imagéticos, atribuindo possíveis significados mediante a contextualização formal e sócio histórica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS NAS SOCIEDADES ATUAIS

Desde a antiguidade o homem está sempre em busca de novas descobertas, novas percepções, novos caminhos a ser seguido para se chegar aonde deseja e alcançar os seus ideais, para isso, faz - se necessário que este seja curioso, afinal a curiosidade é uma característica marcante do ser humano, pois é pela busca incessante pelas respostas dos seus porquês que este consegue construir conhecimento.

Conscientes disso, faz-se necessário pensar sobre a importância das imagens nas sociedades atuais, pois elas estão presentes em todos os espaços, influenciando no modo de ser, de ver, de ser visto e até mesmo no modo de pensar e na maneira de se comportar do homem contemporâneo. Isso porque as imagens vêm a cada dia ganhando espaço em todas as esferas da sociedade. Sendo assim,

a função essencial que pode ser atribuída à imagem, em nossos dias, é a que conduz ao sagrado. É de fato impressionante ver que, fora de qualquer doutrina, e sem organização, existe uma “fé sem dogma”, ou antes, uma série de “fés sem dogmas” expressando da melhor forma o reencantamento do mundo, que afeta, de diversas maneiras, todos os observadores sociais. Falei, por meu turno, de religiosidade que contamina, de um em um toda a vida social. De fato, o que está em causa não é mais o domínio religioso *sticto sensu*, mas muitas outras religiões “por analogia” que poderão ser o esporte, os concertos musicais, as reuniões patrióticas ou mesmo as ocasiões de consumo. Ora, de cada um desses casos, e poder-se-ia multiplicar indefinidamente a lista, a “religação” é feita de imagens que se partilham com outras. Pode se tratar de uma imagem real, de uma imagem material ou mesmo de uma ideia em torno da qual se comunga, isso pouco importa (MAFFESOLI, 1995. p. 107).

Portanto, na contemporaneidade, vivemos em meio a uma avalanche de imagens, por isso, não devemos mais olhar para elas apenas como mera ilustração do livro didático ou complemento do texto verbal, mas como um texto completo que tem o poder de informar, formar e proporcionar ao sujeito uma série de informações e conhecimentos, afinal não é por acaso que a imagem está presente em todo e qualquer espaço. E, assim como a palavra, ela também tem sua importância nos vários espaços educativos, informativos, de entretenimento e muitos outros.

As imagens povoam de tal forma as sociedades atuais a ponto de influenciar e trazer grandes contribuições para a formação/e ou transformações das identidades contemporânea, identidades estas tidas por muitos como sendo algo estática, uno e homogêneo, mas como bem sinaliza Font (2006), a identidade – inclusive das minorias – deve ser concebida hoje como um fenômeno múltiplo, heterogêneo, multifacetado – e até certo ponto imprevisível –

que problematiza e recompõe tradições. A identidade é algo que, em grande parte, constrói-se. Por isso, é necessário que os espaços educativos estejam atentos para essas mudanças, e conseqüentemente possa educar para a diversidade.

Além disso, as inquietações e os questionamentos do ser humano sobre os diversos assuntos, sobretudo os da cultura visual e das questões que envolve a identidade afro, parte da observação sobre o mundo ao seu redor, o seu cotidiano, pois como bem sinaliza Gil (2008), “pela observação o ser humano adquire grande quantidade de conhecimentos. Valendo-se dos sentidos, recebe e interpreta as informações do mundo exterior”. Por isso, o pesquisador além de ter o seu instinto de curiosidade também precisar ser observador do mundo que o cerca, e assim, possa ser capaz de interpretar e obter conhecimento acerca das informações adquirida no âmbito da observação.

Sendo assim, é pela busca insaciável da informação e do conhecimento que a partir da observação do cotidiano escolar que surge os seguintes questionamentos a respeito da cultura visual e questões de identidade negra nas redes sociais: **Como as questões envolvendo a identidade afrodescendente vêm sendo tratadas pelas redes sociais na contemporaneidade? De que forma leituras críticas destas visualidades (posts das redes sociais) podem contribuir para uma formação crítica/reflexiva? Qual a importância da cultura visual e questões de identidades nas redes sociais para o ensino/aprendizagem.**

São questionamentos como esses que nos instiga a fazer um estudo mais aprofundado sobre a temática em questão, questões estas que partiram da observação do cotidiano escolar, onde percebe-se que com o avanço da tecnologia da informação e comunicação, os estudantes estão a todo momento em contato direto com a cultura visual, seja através das redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp que eles acessam diretamente e constantemente na tela do seu celular, seja através da televisão, outdoor, cartazes, livros, revistas, jornais, entre outros.

Por conta disso, o interesse em falar sobre essa temática, parte da inquietação de saber se esses alunos estão preparados para saber interpretar com autonomia e criticidades essa gama de textos imagéticos que eles visualizam diariamente, ou se simplesmente essas imagens passam despercebidas, vistas apenas como deleite por esses jovens e adolescentes. Afinal, o texto imagético tem o poder de trazer entretenimento e diversão, mas principalmente de despertar o senso crítico e interpretativo do sujeito, além de contribuir para a construção do

processo de produção do conhecimento na contemporaneidade nas diversas áreas, atentando assim para a diversidade cultural.

3.2 O USO DA IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

As imagens, assim como as histórias, têm o poder de nos formar e informar, elas também são poderosas formas de comunicação. As imagens estão presentes desde o nosso pensamento até os vários meios de comunicação que fazem parte do nosso dia-a-dia, povoando assim, todos os espaços. Por isso,

em Educação, é cada vez mais crescente a preocupação com o tema, inclusive, na busca de uma forma própria de conceber o objeto nos processos pedagógicos uma vez que a linguagem imagética ocupa, hoje, em nossa sociedade contemporânea, um espaço cada vez mais significativo nos processos comunicativos, especialmente naqueles envolvendo os meios midiáticos. Não é demais lembrar que certas especificidades dessa forma de linguagem conferem ao texto imagético um caráter plurissignificativo o que o torna de difícil substituição pelo texto verbal (GOMES, 2008. p.41-42).

Foi pensando em uma série de questões como essas, que a cada dia torna-se necessário pensar numa forma para que se possa incluir nos processos pedagógicos a utilização da imagem em sala de aula pelos professores. E que essas imagens não sejam utilizadas em sua prática docente apenas para preencher lacuna, ou como ilustração, mas como texto completo que transmite informação e conhecimento sobre diversos temas e conteúdos escolar de forma peculiar e objetiva.

No entanto, cabe mencionar que, apesar da imagem estar presente em todos os lugares e fazer-se necessário a cada dia ser inserido nos vários espaços educativos, por fazer parte da vivência dos alunos, muitos são os professores que mantêm uma resistência em relação a isso e não aceitam nem utilizam esse tipo de texto em sua prática, pois muitos estão completamente fechados e resistentes a esse tipo de texto. Isso porque nem todo professor conseguiu se adaptar a essa nova forma de obter conhecimento e informação, temendo a nova modalidade de ensino com imagens, e por isso, cria-se uma certa resistência a esse novo tipo de ensino-aprendizagem. No entanto,

precisamos de professores inquietos, andarilhos, eternos aprendizes, que sejam capazes de largar a mesa e a cadeira de professor e aprender em meio aos conglomerados e nas mais inusitadas situações. Que busquem analisar

nas novas configurações sociais, podendo, então, se diferenciar, significar e significar sua permanência em sociedade. O professor desse novo tempo tem que ser, acima de tudo, aprendiz. Aprendiz no sentido investigativo que o termo comporta. Aprendiz da cultura, aprendiz das mudanças sociais, aprendiz de humanidades: coisa que a máquina não pode fazer. O professor não pode temer a evolução tecnológica porque ela é inevitável. Deve ser um aprendiz dela. Um aprendiz que do alto do seu saber, da sua vivência e inventividade possa fazer dessa aprendizagem a razão da sua profissão, e das tecnologias um seu aliado. Isso requer coragem, desprendimento e investimento, mas é essa a única forma de reencontrar sua identidade na esfera das transformações sociais (GOMES, 2008. P.19).

Por isso, faz-se necessário que o professor esteja atento às mudanças ocorridas na contemporaneidade devido os avanços tecnológicos, assim como a modificação do novo perfil dos alunos com esses avanços, e conseqüentemente perceber o quanto e válido o uso da imagem na prática docente, já que estas fazem parte do cotidiano dos estudantes, pois estão sempre conectados e cercados por textos imagéticos. Portanto, diante dessas mudanças percebemos o quanto é válido trabalhar com textos imagéticos em sala de aula, pois este desperta maior interesse por parte dos alunos na leitura e interpretação de imagens tornando assim a aula mais interessante e produtiva tanto para o professor quanto para os alunos.

Além disso, com o desenvolvimento do capitalismo e sua influência nos espaços sociais, sobretudo, no campo mercadológico com o crescimento tecnológico e da cultura midiática, passaram a existir mudanças quanto à produção e reprodução da informação, do conhecimento, como também “[...] no modo como a produção, a organização, a circulação e o consumo das próprias informações e conhecimentos vêm ocorrendo no mundo contemporâneo”. (ERONILDO CARLOS, 2010, p.29).

Essas transformações econômicas e culturais podem ser percebidas, desde quando vamos à rua, aos mercados, shoppings ou até mesmo quando estamos em casa, pois esses ambientes geralmente estão sempre cheios de aparelhos eletrônicos que potencializam o uso da imagem numa dimensão digital, como as televisões, telefones celulares, computadores, DVDs, vídeo games, máquina fotográfica, que demonstram a maneira como as novas gerações apreendem e concebem a realidade.

Essas questões evidenciam que estamos em uma sociedade que privilegia o uso dos aparatos tecnológicos, principalmente aqueles que potencializam os aspectos audiovisuais na sociedade, cujos sujeitos se definem como bem sinaliza Jesús Martin (1999), a partir da conexão/desconexão (do jogo de interface) com as tecnologias.

O que queremos discutir ao abordar transformações é perceber a importância da imagem no fazer pedagógico escolar na contemporaneidade, uma vez que o homem tem se tornado um ser imagético, não só pela presença da imagem “na origem de nossos pensamentos, dando-lhe corpo e alma, mas também na maioria dos meios de comunicação que nos cercam diariamente” como reflexos a globalização (LÚCIO GOES, 2009, p.95).

Diante deste cenário, as tecnologias e as imagens galgaram um espaço importante na comunicação e na relação ensino\aprendizagem, pois se antes, aprendíamos em sala de aula, hoje, muito precocemente, nossos alunos familiarizam-se com uma gama enorme de ferramentas e programas de computador, além de sites, com diversas finalidades, e redes sociais. Considerando esta realidade histórica, percebemos que as visualidades do cotidiano influenciam as relações sociais e de aprendizagem. A imagem, neste cenário, não é somente mais um elemento, mas tem sido um elemento chave da sociedade atual, cujas características associam-se aos aparatos tecnológicos e os meios de comunicação. Essas questões suscitam discussões sobre a riqueza dos trabalhos que envolvam as imagens, visto serem elas recursos que segundo Goes (2009), “constituem nosso ser; elas, assim como as histórias, nos formam, informam e são também poderosas formas de comunicação”.

É importante que compreendamos que fazer a interpretação de uma imagem não é somente descrever os elementos que a compõe, assim como a interpretação de um texto verbal não se dá apenas pela decodificação, mas precisaremos recorrer às suas relações com a história e a cultura, ou seja, é preciso “entendê-la como linguagem, produzida dentro de um contexto histórico e sociocultural”, portanto, “lidar com as imagens, lê-las com competência, perceber seus recursos e nuances faz parte do processo de apreensão, leitura e compreensão do mundo e de nossa própria existência” (GOES, 2009, p.95).

É pertinente ressaltarmos que, embora o texto verbal se sobreponha ao texto-imagem, pelo paradigma da escrita, a leitura das imagens, como atividade educacional, tem se mostrado mais interativa, possibilitando leituras críticas e complexas, por ser a linguagem imagética de sentido plural e aberta, permitindo leituras diversas e interdisciplinares, que norteiam várias áreas do conhecimento. As pontuações mencionadas acima estão diretamente ligadas com a postura que se deseja como perfil de um aluno autônomo, tão almejado e discutido nas reuniões de professores para construção do projeto político pedagógico escolar, com respaldo na LDB 9394/96, ao estabelecer que a educação deve objetivar “... o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico...”

(BRASIL.MEC,1999,p.200). Nessa perspectiva, percebemos a necessidade de novas formas de se lidar com o conhecimento, através de novos espaços que dialoguem com a cultura desta nova geração. A presença das imagens no contexto escolar faz com que a escola cumpra o seu papel de mediadora social, contribuindo para que os alunos deem sentido ao mundo que vivem, pois é fato que as imagens existem e inundam a sociedade como um todo, ignorá-las é fechar a porta para a realidade cultural da modernidade.

Segundo Hernández (2000, p.138), os estudos da cultura visual caracteriza-se:

[...] pelo trânsito que produz entre a *cultura das certezas* – que caracteriza o pensamento da modernidade e que tem seu fundamento na proposta da ilustração (onde se localiza a origem da instituição e do conhecimento escolar tal como, em boa parte, continua vigente – e a *cultura da incerteza*, num momento da história da humanidade em que os sistemas de crenças morais, religiosos e ideológicos são diversos, plurais e em constante fluxo.

Nessa perspectiva, as imagens tem a capacidade de permitir construções capazes de despertar inúmeras inquietações e indagações nos sujeitos, instigando-os a pensar, criticar, questionar e refletir sobre diversos aspectos mostrado ou sugerido pelas visualidades dentro ou fora do cotidiano escolar.

Sabendo do espaço privilegiado da imagem na sociedade moderna e de seu potencial como recurso de ensino e aprendizagem, oportunizar momentos em sala de aula de discussão, reflexão, através da imagem seja ela em movimento ou não, se tornará algo mais profundo, pelo fato de as imagens se comunicarem de forma mais direta e objetiva que as palavras. A proposta do trabalho docente com imagens deve dialogar com as novas realidades, com as novas possibilidades da atualidade, numa tentativa de provocar mudanças em todos os sentidos, sejam elas relacionadas à escola, aos alunos ou à sociedade.

Por conta disso, faz-se necessário que na contemporaneidade os espaços educativos estejam dispostos a trabalhar em sala de aula com os textos imagéticos, sobretudo os que circulam nas redes sociais, pois os jovens da atualidade estão sempre em contato direto com os mesmos. Sendo assim, é necessário fazer uso das imagens postadas no facebook e WhatsApp, sobre as questões de identidade, de modo especial, as que fazem referências a identidade afrodescendente, tendo como finalidade formar sujeitos com uma visão e pensamento crítico sobre as visualidades da internet a respeito do assunto em questão e, conseqüentemente, mais preparados para saber lidar com a diversidade.

Afinal, a identidade, assim como a cultura, tende a ser constantemente modificada, transformada, sendo assim, a identidade é movente, heterogênea e diversificada, portanto,

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2005, p.13).

Consequentemente, o indivíduo não nasce com uma identidade pronta ele a constrói durante o processo de interação com outros indivíduos e nos processos das relações sociais.

Ainda com relação à identidade Castelles (1942), entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado. Sendo assim, a construção da identidade parte de um processo de mudança social, cultural, linguístico, religioso, econômico e sobretudo sócio - histórico.

Devido a relevância em se discutir sobre essas questões, nas últimas décadas os debates sobre identidades têm se intensificado, fazendo com que as discursões a respeito da temática ganhe um espaço privilegiado no meio acadêmico. Nesse contexto de debates sobre as identidades, em especial a respeito da identidade étnico/racial, que segundo Felinto (2013), está intrinsicamente ligada à sua relação com o próprio corpo, no qual foram inscritos, ao longo da história, valores e crenças negativas que tendem a depreciá-lo. Por conta disso, a construção da identidade afrodescendente não se dá naturalmente e sim espontaneamente, é um processo de formação por meio dos traços da cultura e que o indivíduo escolhe como opção de identidade. Para Baumam:

Tornamo-nos conscientes de que o — pertencimento e a — identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o — pertencimento quanto para a — identidade. (2005, p.17).

Nesta medida, a reivindicação de uma identidade negra pode coabitar com reivindicação de outras dimensões da identidade, como a nacionalidade, a sexualidade, etc. Isto é, o sentimento de querer-se negro não exclui as outras possíveis afirmações identitárias como querer-se brasileiro e latino-americano, homem ou mulher, etc. (BERND, 1988, p.42).

Sendo assim, a afirmação da identidade negra tem como principal objetivo reverter o sentido pejorativo da palavra negro dando-lhe um sentido de positividade buscando assim, o reconhecimento, a aceitação, a valorização e o emponderamento da identidade afrodescendente e da cultura africana, como também dissolver a imagem negativa construída a partir da visão do branco dominador, construindo uma imagem positiva.

Ao trazer para a sala de aula e a vivência dos educandos as discursões e debates sobre identidade afrodescendente estamos colocando em evidência o quanto esta é importante, valorizando-a, e mostrando aos alunos que não existe identidade superior ou inferior a outra, mas cada uma tem o seu valor dentro da sociedade, e por isso, devemos respeitar e conviver em total harmonia com a diversidade étnica, cultural e, sobretudo racial. Além disso, através das discursões sobre as visualidades nas redes sociais a respeito da identidade afro, estamos quebrando mais um rótulo sobre o preconceito racial e, conseqüentemente, valorizando a identidade negra que por muito tempo foi desvalorizada e inferiorizada pela sociedade em todos os aspectos.

4. CONCLUSÃO

Diante dos nossos estudos, pesquisas e experiências em sala de aula podemos perceber que na contemporaneidade torna-se necessário a cada dia a utilização de textos imagéticos na sala de aula, pois é crescente a avalanche de imagens que recebemos a todo momento no mundo contemporâneo. Estamos cercados de imagens, por isso não devemos ignorá-las ou vê-las como vilãs do sistema educacional, mas fazer uso das mesmas em nossa prática docente como mais uma forma de melhorar o ensino aprendizagem dos nossos alunos.

Conscientes do poder da cultura visual na informação e formação do aluno, a cada dia percebemos um grande avanço no ensino-aprendizagem dos alunos que estão sendo alcançadas através do ensino com imagens, assim como suas contribuições destas para a nossa formação profissional. Desta forma, é indispensável o uso da cultura visual nos espaços escolares da atualidade para abordar um assunto tão recorrente e discutido pelas grandes mídias e as redes sociais que são as questões relacionadas às identidades afrodescendentes, esta por sua vez, abordada quase sempre de forma estereotipada, preconceituosa e inferiorizada.

O avanço alcançado com o ensino com imagens tem acontecido porque como sabemos que o perfil dos alunos tem se modificado. Para eles estarem na escola, muitas vezes, é “entediante”, preferem a dinamicidade que a internet lhes propicia, com sua linguagem composta de textos imagéticos, verbais e sons que lhes encantam. A interatividade do *Facebook*, *MSN*, *WhatsApp* para os jovens é um “prazer” e por isto estão sempre conectados. Portanto é preciso que a escola faça uso dos meios tecnológicos com inteligências para que seja considerado um lugar prazeroso, dinâmico, atrativo e interativo. Para isso, é necessário que o professor veja as redes sociais e as imagens vinculadas a ela sobre a identidade afrodescendente como um aliado e jamais como inimigo ou vilão. Afinal é algo que faz parte da vivência e do cotidiano do nosso alunado, por isso, a relevância de fazer uso das principais redes sociais e do texto imagético como construtor do conhecimento e como colaborador para a construção do senso crítico e reflexivo do sujeito contemporâneo.

Por fim, podemos concluir que, a cada dia, torna-se necessário pensar numa forma de incluir nos processos pedagógicos a utilização do texto imagético em sala de aula pelos professores, com a finalidade de se trazer a tona à importância da valorização da identidade afrodescendente e da contribuição desta para a formação da identidade brasileira. E que essas imagens não sejam utilizadas em sua prática docente apenas para preencher lacuna ou como ilustração, mas como texto completo que transmite informação e conhecimento sobre diversos temas e conteúdos escolares, de forma peculiar e objetiva.

5. REFERÊNCIAS

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Projeto Político Pedagógico (PPP) de Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão em Negócios do Centro Baiano Professora Felicidade de Jesus Magalhães**. Jacobina, 2016.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Superintendência de educação profissional - SUPROF diretoria de desenvolvimento da educação profissional – DIRDEP. Disponível em:
<<http://escolas.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midiateca/documentos/2014/orientacoes-estudos-interdisciplinares-orientados-complementares.pdf>. Acesso em 03/05/2016, às 09:30>

BARDIN, L (2002). **Análise de conteúdo**. (L. A. Reto & A, Pinheiro, trads). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977).

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERND, Zilé. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARLOS, Eronildo João (org). **Por uma pedagogia crítica da visualidade**. João Pessoa. Editora Universitária da UFPB. 2010.p.27-43.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: tradução Klauss Brandini Gerhardt. Editora Paz e Terra S/A-5ª Ed. São Paulo, 1982.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed Porto Alegre, RS: Artmed: Bookman, 2010.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**: aportes metodológicos. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FELINTO, Renata. (org). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**: saberes para os professores fazerem para os alunos. Belo Horizonte, MG: Fino Traço. 2012

FONSECA, Leda Maria. Leitura de Imagens e a Formação de leitores. In GOES, Lucia Pimentel e ALENCAR, Jackson de. (orgs) **Alma da imagem**. São Paulo: Ed. Paulus. 2009.

FONT, Joan Nogué; RUFÍ, Joan Vicente. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

GALO, S. O, professor-artista: Educação de si e revolução molecular. In SANTOS, Cosme Batista e GARCIA, Paula César, SEIDEL, Roberto. **Crítica Cultural e Educação Básica**: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. São Paulo, Acadêmica. 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed, São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo, Editora Atlas S. A, 2008.

GOMES, Antenor Rita. Os textos imagético-verbais na formação de professores. In GARCIA, Paulo César Souza, OLIVEIRA, Sara. (orgs) **Entre textos:** Narrativas, experiências e Memórias. Vários Autores. Guarapari-ES. Ex Libris, 2008.

GOMES, Antenor Rita. **Linguagem Imagética e Educação.** Guarapari-ES. Ex Libris, 2008.

GOMES, Lúcio Pimentel e ALENCAR, Jaksom de (orgs). **Alma da Imagem.** São Paulo. Ed. Paulis. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Gracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DPLA, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual-proposta para uma nova narrativa educacional.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

JESÚS, Martin Barbero. **Novos Regimes de Visualidade e Descentralizações Culturais.** Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

LIBÂNIO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 5ª ed. São Paulo. Cortez, 2007.

MAFESOLI, Michael. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.